



PORTAS  
VILASECA  
G A L E R I A

FORNALHA  
HEBERTH SOBRAL

Uma avó com uma caixa de biscoitos com quatro Playmobils, uma mãe cúmplice, o filme “Tropa de Elite”, uma viagem a Portugal e uma grande determinação. Estes são os ingredientes do sucesso de Heberth Sobral.

## **CONVERSA COM HEBERTH SOBRAL**

### **Como você decidiu ser artista?**

Eu cresci vendo meu pai pintar, ele era pintor de quadros e eu roubava a tinta dele. Como as maiorias dos meninos no Brasil eu queria ser bombeiro, depois piloto de Fórmula 1 e jogador de futebol, mas na minha adolescência eu tive a intuição que seria artista e que iria fazer uma exposição na Alemanha. Não me pergunte por quê, porque eu não sei.

### **Não vou perguntar, mas continua a sua história.**

Eu não sabia qual seria o caminho para ser artista, mas em 2005 eu fui convidado a participar de projeto social “Galpão Aplauso” onde Vik Muniz fez uma parceria. Me interessei em fazer o curso de fotografia, me deram uma máquina fotográfica e uma semana para fazer fotos. O curso era somente de três meses e ao fim dele, não queria sair. “Quero ser artista plástico”, falei para Fabio Ghivelder, o diretor do estúdio de Vik Muniz, e ele me ajudou. Eu entrava no local às 15h e ficava escondido até 18h quando o curso começava. Assim eu consegui fazer outros três meses e depois fui trabalhar no estúdio de Vik Muniz.

### **Você começou com pinturas e depois começou a utilizar Playmobil em seus trabalhos, como foi o percurso?**

O Playmobil narra a minha história e agora posso contá-la através deste boneco. Todas as férias eu passava na casa da minha avó em Minas Gerais, onde nasci. Ela tinha uma lata de biscoitos portugueses onde guardava quatro bonecos Playmobil. Minha avó tinha vários netos, mas ela guardava os bonecos só para mim.

### **Por quê só pra você?**

Eu não sei, nunca perguntei e ela já morreu. Eu não sei até quando vou trabalhar com Playmobil, mas agora eles são como as minhas tintas, vou falar coisas diferentes com eles. Já falei anteriormente sobre violência, agora os azulejos e a releitura da roda do Duchamp. O que

me encantou no Playmobil é a sua simplicidade - é da Bauhaus, não tem orelha, não tem nariz. Depois eu descobri que a criação desse boneco foi feita a partir do desenho que as crianças fazem de um rosto: um círculo, dois olhos e uma boca. Eu era obcecado por esse brinquedo, mas era muito caro. Minha mãe era faxineira e não podia comprar. Às vezes ela me levava na casa onde trabalhava, pois o filho da patroa tinha Playmobil e me deixava brincar. Um dia, fui ao supermercado com minha mãe à noite, por volta das 21h40. O supermercado estava quase fechando, então roubei um Playmobil policial e botei no bolso da calça. Quando chegamos em casa, minha mãe viu o boneco e pensei que ela ia me dar uma surra. Mas ela pegou da minha mão, sem uma única palavra e no dia seguinte devolveu para o gerente do supermercado. Senti uma cumplicidade da parte dela. E hoje ela é o meu termômetro. Quando trabalho, sempre mostro para ela primeiro. Ela fala que não entende de arte e então só peço que ela me diga se gostou ou não. É isso que importa.

### **O tempo passa e estamos em 2010, um ano importante para você, o ano que você encontrou Jaime Portas Vilaseca e o ano que você começou a trabalhar com Playmobil.**

Eu vi o filme “Tropa de Elite” e percebi que quem morava no morro não gostava e quem morava fora do morro adorava. Foi quando notei que quando a violência é alheia ela vira entretenimento. Notei também que quando um programa de TV entra no morro, todo mundo quer sorrir pra câmera, tipo sorriso “Playmobil”. Aí me lembrei dos bonecos. Que a esta altura estavam empoeirados, jogados em algum canto da casa. Assim comecei a fazer o “Tropa de Elite” em stop motion com os bonecos. Jaime estava começando com a Portas Vilaseca e encontrei com ele no Galpão. Ele viu meus quadros e o trabalho em stop motion e me falou: “Isso não é stop motion, isso são fotos.” E assim nasceu a primeira exposição “Violência não é brincadeira”. Foi o acaso. Na minha vida muitas coisas aconteceram por acaso: o trabalho em São Paulo na agência África, o trabalho em Portugal no Hotel Pestana. Eu vou andando. Sei onde eu quero chegar, mas não sei exatamente como. Deixo as coisas acontecerem.

Por um momento falemos de Portugal, porque foi lá que você começou a trabalhar com azulejos.

Sim, era 2014. Eu tinha 30 anos e decidi fazer uma viagem para Portugal onde estava meu amigo Paulo Arriano, diretor da residência do Hotel Pestana. Minha ideia era só relaxar, queria saber onde era a pista de skate mais próxima. Mas o Paulo queria muito que eu visitasse a residência para artistas em Cascais, pois achava que poderia fazer uma exposição lá. Afinal, por ser fotografia seria só imprimir e tudo estaria pronto mais fácil. Acabei indo. Lá ia eu montar esta exposição. Só que cheguei um dia antes do combinado. Não sabia muito bem que tipo de hotel era o Pestana até entender que era um hotel de luxo, o qual não poderia pagar. Fiquei desesperado. “Não tenho onde dormir”, pensei. Tive a ideia de falar com o concierge do hotel e explicar tudo, mas ele rapidamente me falou que eu poderia ficar num dos quartos sem problemas. Caso resolvido. Pela manhã quando me encontrei com a diretora do Pestana, ela perguntou ao concierge por que tinha me colocado naquele quarto. Pensei de novo: “acho que vão me expulsar”. Ela diz – “ele deve ficar num quarto muito maior, ele é artista!”. No final fiquei hospedado o tempo todo no hotel de luxo. As fotografias para a exposição estavam prontas, mas não tinha dinheiro para as molduras. O diretora do hotel fez a seguinte proposta: “Pagamos as molduras para as fotos de essa exposição da residência e você assina um quarto do hotel”. Negócio fechado! Fui o primeiro artista não português a assinar um quarto para o Pestana Cascais.

Quarto 26. Meu nome na porta. Quarto de artista, quarto mais caro! Foi o acaso de novo conspirando a meu favor. Foi lá que comecei a trabalhar com azulejos. Comecei a pesquisar os azulejos tradicionais portugueses.

Produzi uma série e coloquei no chão da cozinha pra minha mãe visualizar. Ela não sabia exatamente o que eu queria com aquela ideia mas ela gostou. Mande as fotos pro Pestana e eles me perguntaram se eu poderia fazer. O trabalho final foi um papel de parede no quarto do Pestana com os azulejos. No dia da exposição do quarto os portugueses entravam e questionavam “mas este quarto não tem nada, onde estão as obras”? De longe não se percebe que os desenhos dos azulejos são feitos com bonecos. Se eu consegui passar a ilusão dos azulejos para os portugueses, passaria para os outros também!

Mas por quê utilizar os brinquedos com azulejos?

O brinquedo é uma forma de maquete da sociedade e os bonecos são as maquetes dos humanos, e nós, humanos, vivemos sempre enquadrados em padrões, sejam eles estéticos, profissionais, comportamentais, e etc... Ser igual é legal, o diferente é visto como estranho e marginal. Somos enquadrados numa forma de padrão, como os azulejos. No Pestana, as obras eram baseadas sobre azulejos do século XIX, hoje o trabalho é sobre azulejos do século XVIII com tintas azul, amarelo e branco e sempre com uma moldura desenhada.

### **Que tipo de artista você é?**

Eu quero ser um artista que fala para o pedreiro, para o engenheiro, para o taxista e também para o crítico de arte.

### **E que tipo de pessoa você é?**

Eu nasci em uma situação não privilegiada, mas nunca fui ou me senti vítima. Tem pessoas que nascem em uma situação privilegiada e tem outras que não. É normal, é a vida. Não é que quem nasce privilegiado tem quer ser culpado.

Eu vejo a vida como um jogo, um jogo de cartas, a pessoa pode ter só um ás, outra só valete, mas a matemática diz que as probabilidades são 50%. Eu percebi que a minha situação é uma riqueza, porque há mundos bem diferentes. O que os outros sabem, eu posso correr atrás e aprender, mas talvez os outros nunca vão aprender o que eu sei. Hoje posso pegar um avião e ir pra a Europa como eles, mas há eles nunca vão saber como é o trem para Belford Roxo. Isso eles talvez nunca irão provar. Isso é uma vantagem pra mim. Eu aproveito disso e ainda hoje eu utilizo essa experiência no meu trabalho.

### **Você fez uma exposição na Alemanha?**

YES! Uma coletiva em 2011 em Munique. : )

Manuela Parrino  
Outubro 2017